

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data: / /
Cod. YAD00570

III

ASSEMBLÉIA

GERAL DA

AYRCA

(ASSOCIAÇÃO YANOMAMI DO RIO CAUABURIS E AFLUENTES)

DATA: 27 à 29 de junho de 2000

LOCAL: MISSÃO SALESIANA DE MATURACÁ/ARIABÚ

PAUTA DA ASSEMBLÉIA

- Curso de capacitação de liderança;
- Diretoria da **AYRCA**;
- Educação (escola);
- Saúde (IDS e Pelotão);
- Discussão sobre FUNAI/Prefeitura;
- Discussão sobre Exército/invasão da pista de pouso;
- Comunidades Maturacá/Ariabú, Inambú, Nazaré e Maiá;
- Bebida alcóolica na região;
- Marcar data da próxima Assembléia;
- Eleição da nova Diretoria.

1º dia (27/07/2000)

Manhã

Abertura

Valdir Góes se pronuncia na língua nativa cumprimentando todos os parentes Yanomami presentes. Em seguida chama os convidados e representantes das Instituições presentes: FOIRN-Rosilene, IDS-Dr. Jacques, Diocese - Pe. Nilton de Paula, Pelotão Militar-SGT Alencar, Diretor da Missão Salesiana-Pe Genésio Savassa.

Repassa a palavra para os convidados, onde em poucas palavras todos se pronunciam. Em seguida Valdir, que coordena a Mesa, chama as aldeias presentes para se apresentarem.

Aldeia do Maiá se apresenta com um canto tradicional – canto da Garça (Tradução de Valdir).

A aldeia de Inambú, Sr. André fala em Yanomami e o Pedro Renato traduz, da busca da melhoria, e pede o apoio da organização para implantar escolinha na aldeia, agradece aos que já ajudaram.

Tucháua da aldeia de Nazaré, Sr. Mateus, fala da importância do curso de capacitação de liderança realizado.

Tucháua de Maturacá, Antônio Assis, se pronuncia na língua nativa sobre o curso de capacitação e os problemas na Associação, que estão vendo a aldeia de luto mas vai passar: "Objetivo da associação é de defender o povo, a nação Yanomami."

Curso de Capacitação

Valdir fala da importância do Curso de capacitação e que a diretoria valorizou muito: "Desde a fundação não tivemos curso desse tipo. Não sabia preparar documentos, depois do curso tivemos melhoria, agora temos capacidade de preparar um ofício, uma ata, ..."

Fala na língua: "Diretoria não é só eu e sim o povo, a comunidade, a liderança. Diretoria não tem salário, eu estou pra melhoria das comunidades e pra defender a própria nação Yanomami e nenhum Yanomami pode querer rir de mim, que eu mesmo posso segurar esta associação nossa."

Valdir continua à respeito do curso de capacitação: "Eu quero agradecer o Dr. Jacques que ele é o único órgão que veio através da gente, ele quis fazer uma ajuda pro Yanomami, que o Yanomami desse um futuro bom na frente". Explica em Yanomami à respeito do orçamento repassado pelo IDS para a FOIRN, diz que o antigo Presidente (Pedro Renato) não repassou as informações a respeito deste orçamento ao Vice-Presidente (Valdir), que quando assumiu a Presidência o mesmo teve que ir em busca dessas informações para realização do curso de Capacitação. Parabeniza todos os participantes do curso, diz que eles são capazes de trabalhar na Diretoria.

Gilberto (Maiá) reclama: "Por que a liderança afastou o Pedro Renato? O Pedro Renato e o Valdir estavam trabalhando bem na AYRCA. Agora o Valdir tem que trabalhar sozinho. Renato tem que ser conhecido pelos brancos de Brasília, pra ir atrás do projeto arquivado em Brasília que eu tomei conhecimento no encontro dos 500 anos do descobrimento, que eu fui com o Gerônimo. Nesse ponto Renato tem que voltar novamente no ponto em que estava trabalhando." Tem que levar Associação para frente. Nós temos que ser forte. A diretoria tem que se organizar através de reunião Seja honesta."

Armindo(Ariabú) fala em Yanomami e português: "Antes os rapazes falavam mal da associação, porque antes não sabia o que era uma Associação. Agora, hoje em dia nós somos sabedor porque na participação do curso nós aprendemos tudinho o que tava previsto pra fazer dentro de Associação. O que é uma Associação? Associação é um meio, é uma forma de reunir o povo pra discutir os problemas e lutar por seus direitos. Esse era uma novidade para todos nós, não era só pro Presidente, nem para o Vice, era para nós todos, nós temos que estar por dentro do que é uma Associação. Associação não funciona através de dinheiro, estrutura da Associação somos nós, é o povo! Estrutura quer dizer segurar, nós que vamos segurar essa Associação, nós que somos a força dessa Associação." Continua: "Então vamos sair do lugar onde nós estamos! Vamos ter que passar aonde tem obstáculo, obstáculo quer dizer barreira, e se nós temos obstáculos maior até lá, então através da nossa Associação vamos ultrapassar aquele obstáculo que está lá." "Então nós temos que sair do lugar, nós já tivemos muita atividade importante pra levar nossa Associação pra frente. Mas como é que ela vai ficar forte? Não é Presidente que tem que falar muito e ir atrás de recurso, não é através de recurso que Associação vai ficar forte, é nós que temos que se reunir, então através da união do povo a Associação pode ficar forte. Aí pra se organizar precisa ter a Diretoria organizada, curso de capacitação e honestidade, e as nossas lideranças seja capacitada, através desses encontros a nossa associação é capaz de ficar forte. Tivemos muito conhecimento dentro do curso de capacitação."

Cláudio(Maturacá) fala em Yanomami: "Existe outros nativos espalhados e são aculturados e nunca tiveram conhecimento, e onde tem outras Associações os brancos nunca chegaram a dominar esses nativos, assim que a liderança tem que se comparar com esses outros nativos para poder defender a Nação Yanomami, que hoje em dia a liderança nossa tem essas inocências. Nossa associação foi implantada agora, é nova. Vai esclarecer os nossos direitos. Nossa organização tem que participar de encontros. As lideranças de todas as comunidades se unindo a Associação vai ficar forte, mas se não tiver essa união vai ficar fraca."

José Mário (Maturacá) fala: "É importante curso para saber se organizar. Queremos que nossa organização vai para frente. O branco quer pisar no Yanomami, não podemos ficar no mesmo lugar." Diz: "Quando Renato foi afastado nossa organização ia afundando. Júlio queria que entrássemos na Coperíndio, mas Coperíndio não tem força. Agora a nossa Associação, se nós trabalharmos todos juntos, a gente tem força, união tem força!"

Osvaldo Barbosa (Maturacá) fala: "Estudo é importante, não podemos esquecer nossa língua, não somente os huya huya tem que defender nossa área, nossos trabalhos, nossos filhos, nossa moradia." Fala da importância do curso de capacitação que foi importante o jovem participar. Pede que cada ano tenha curso de capacitação.

Marcelino Góes (Maturacá) agradece aos convidados e fala: "É para nosso Presidente lutar pelos nossos direitos. Não é um trabalho à toa. Não é para dizer que não fazem nada. Ainda é o começo da plantação, ainda temos que entender. É nossa defesa. A força da Associação pode continuar para aqueles que virão. Vamos começar a ajudar nossos Presidentes. Falta o povo conhecer o nosso trabalho da Associação. O nosso povo tem que se unir. Vamos lutar do lado deles. Nós estamos com esperança."

Dr. Jacques fala do Curso de capacitação de liderança: "Esse projeto nasceu em conversa com a AYRCA/FOIRN/IDS, começou há um ano atrás. Percebeu-se que era preciso fazer esse curso. Próximo ano podemos colocar mais um curso de capacitação de liderança. Associação é importante. O povo Yanomami tem que estar unido. O curso de capacitação é importante, mas não deve esquecer das lideranças tradicionais."

Pe Genésio: "Na fundação da FOIRN os Yanomami estavam presentes, mas faltou impulsionar. Agora estamos dando impulso. As dificuldades são para serem vencidas. As organizações tem que crescer."

Valdir explica que não está por causa de dinheiro e sim porque gosta do povo.

Dr. Jacques esclarece que o dinheiro para o curso não fica na mão do Valdir e sim que foram repassados R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) do IDS para a FOIRN através do projeto firmado entre AYRCA/FOIRN/IDS. Explica que foi a FOIRN que administrou, isto é: fez as compras necessárias para a construção da sede e casa de apoio da AYRCA, rancho para o curso de capacitação, e gasolina para o transporte dos participantes do curso e da Assembléia, bem como o pagamento das professoras que vieram fazer o curso, uma máquina de escrever e material de papelaria para o funcionamento da AYRCA.

Tarde

Educação

Valdir: "Escola teve melhoria, estão dando aula na própria língua. Criança já consegue escrever. Professoras de fora atrapalham o ensino na língua Yanomami. Escola tem que funcionar com língua Yanomami." Pede que os outros Yanomami se pronunciem sobre o assunto.

Renato diz: "Tem muitos dos filhos nossos que não aceitam estudar na própria língua. É importante estudar a língua Yanomami e português. Tem Napë que estuda mais de uma língua: yanomami, português, inglês, espanhol, francês, etc." Continua: "As professoras foram contratadas para auxiliar, mesmo assim elas não estão dando conta, tem muita criança que foge. Todo ano tem quatro ou três reuniões de pais e professores aqui na escola, as professoras cobram da gente que a gente mande as crianças pra escola,"

Valdir fala que na época do Pe. Carlos ele dava conta sozinho de todas as crianças: "A diferença que eu vejo dentro deste colégio é que tem dois Padres e as professoras auxiliares Yanomami. Elas não prestam atenção porque o Diretor não dá assistência como o Padre Carlos fazia." Sugere que na escola se estude as duas línguas.

Em seguida Professora Margarida Yanomami faz exposição na língua nativa, conta do trabalho e das dificuldades que enfrenta, fala: "As Professoras, elas não estão dando conta dos alunos. As crianças começam a fugir e as professoras não vigiam. As crianças fogem para as aldeias. Na época do Pe. Carlos era bem mais organizado." Continua: " Nossos alunos não aceitam estudar o que a gente quer ensinar, não sabemos o que é que os filhos de vocês pensam. Estudar língua materna é muito importante, muito importante porque muitos brancos perguntam se a gente sabe escrever a própria língua. O importante é nossos filhos e filhas saber lêr e escrever língua materna e não só saber falar." Fala do ensino de artesanatos típicos Yanomami: "Nesse ano a gente está dando aula de Educação artística, muitos fogem dessa aula, muitos não estão aceitando. Negócio de cesta, negócio de saber tecer paneiro, enfim outros artesanatos." Diz que a culpa é dos pais: "Em termos de estudo culpado não é os professores, culpado é os próprios pais, que não incentivam os próprios filhos." Faz um discurso comparando a escola de hoje com a escola na época do Pe. Carlos.

José Mário: "Educação é muito importante, nossos alunos são contra estudar a língua materna, mas eles não estão entendendo. Lá em Roraima os nossos parentes eles pedem muito ensino em Yanomami, eles precisam de Yanomami, do próprio Yanomami que sabe escrever Yanomami, que já estudou, pra ensinar pra eles a ler e escrever primeiro na língua nossa." Diz ainda: "Tem que estudar língua do napë e língua do Yanomami, porque o Yanomami está acostumado a trabalhar e viver no mato, no mato não tem comida de branco. Não tem supermercado pra comprar essa comida. O napë não vai ficar direto trabalhando no mato, ele vem fica 1 mês, 15 dias ... aí o branco não aguenta e já vai querer voltar pra cidade, o Yanomami aguenta, ele tá acostumado a viver no mato."

Gerônimo do Maiá, lê um documento sobre a educação e direitos dos índios que foi publicado e divulgado no encontro dos 500 anos do descobrimento em Porto Seguro, encontro que ele participou, ele fala: "Escola tem que ser diferenciada, temos que defender nossa área, defender nossa terra. Como vai ser escola? A língua é nosso documento. Tem que ter reconhecimento dos professores Yanomami, temos que respeitar nossa cultura."

Marcelino dá boas vindas a todos os participantes e convidados das Instituições Federais e ONGs. Fala do problema da diretoria e do afastamento da diretoria. Pede para que o povo não faça mais isso, e que a diretoria tem que permanecer. Da educação fala: "Professores Yanomami não sou contra, mas é trabalhoso, as professoras auxiliares não se responsabilizam direito. Primeiro professor é o pai. A educação vem de casa. Não é outra pessoa que vai ensinar e sim nossos pais, depois vem receber uma segunda educação na escola."

Pe. Genésio lembra dos vinte professores que estão ajudando na escola, e atualmente estudando em São Gabriel, e diz que apenas nove recebem salário. Diz que educação é para todo mundo, e lembra que no Inambú não



Gilberto se pronuncia na língua sobre a dificuldade para estudar no Maiá, que desde 97 parou o ensino lá no Maia, reclama: "As freiras não querem incentivar os povos do Maiá quanto à educação."

André do Inambú se pronuncia na língua. Renato traduz: "Pede apoio da diretoria para construir escola."

Pe Nilton lembra que Dom Walter já levou mensagem da escolinha do Inambú ao prefeito de São Gabriel.

Mateus se pronuncia na língua: "Muitos políticos passaram prometeram e não fizeram nada. Amilton construiu escola lá em Nazaré."

Gerôncio fala sobre a dificuldade de poucas salas de aula, que agora é que as irmãs estão de novo construindo uma nova escola, mas que só vai ter duas salas, ele pergunta: "Como vai estudar a 5^o e 6^o série?" E depois afirma: "As irmãs não estão trabalhando direito, dão aulas só em abril e maio depois em setembro e outubro. Elas não querem que a gente estude." Solicita apoio das instituições em geral para o melhor funcionamento da escola.

Saúde

Valdir abre a pauta da saúde, elogia o trabalho dos agentes de saúde, diz que melhorou 100% o trabalho deles, fala que o IDS trouxe melhoria pra saúde do povo. Valdir pede uma farmácia para a comunidade de Maturacá. Ele reclama que antes de ir para São Gabriel apareceu o agente de saúde Salvador distribuindo remédio bêbado, e diz que não gostou.

Daniel agradece o Dr. Jacques muito pelo trabalho do pessoal de saúde, diz que esse ano andou 100% e diz que gostou muito do trabalho deles. Agradece a contratação das três professoras para curso de capacitação das lideranças, afirmando que nem era pra acontecer isso e que foi graças ao Dr. Jacques e lembra que os jovens ficaram sabendo: "O Dr. Jacques não é como muita gente pensa, como a FUNAI falou que ele não era Doutor, mas eu não acreditei."

Luciano tucháua do Maiá se pronuncia na língua, fala da liderança da pessoa dele quanto ao Sr. Júlio Góes, que o Sr. Júlio Góes passava o cargo dele ao Gerôncio sem o conhecimento da liderança em geral. Fala do furto de mantimentos ocorrido no porto do Maiá: "Arrombaram o depósito do IDS e roubaram o mantimento da equipe médica, eu acho isso muito errado." Reclama que o agente de saúde Sérvolo não quis atender o seu filho e fala que quer tirar o Sérvolo para colocar a sua filha Rosana, e que o Dr. Jacques não quer tirar o Sérvolo porque tem pena dele.

Dr. Jacques responde que não tem pena do Sérvolo, mas explica que para formar um agente de saúde leva tempo e que tirar um agente de saúde com experiência pode ser uma grande perda para a comunidade. Que na próxima reunião de saúde que acontecer no Maiá devem conversar todos (povo, lideranças, Sérvolo e IDS) sobre o acontecido, mas que não é nem o IDS, nem só as lideranças que escolhem um agente de saúde, que tem que ser uma decisão de todo o povo, e que não pode estar com a cabeça quente pra

José Mário (agente de Saúde) pede: "Quando as lideranças pedirem ajuda do exército tem que avisar nós. Quando a equipe da Aeronáutica chegou ninguém sabia, não avisaram os agentes de saúde, não avisaram o IDS." E reclama: "A maioria dos tratamentos que eles deixaram é pra verme e dipirona, sem deixar diagnóstico." Ele fala: "Tem quatro anos que eu estou trabalhando, quando estou vendo uma coisa diferente a gente entra em contato com o IDS que orienta, quando não consegue contato, vai para o Pelotão, que está também ajudando. O médico do Pelotão passa os remédios pra nós, a gente trata o paciente." Ele reclama: "Os Pajés não ajudam mais. O remédio funciona só com doença. Nós precisamos apoio dos pajés para doenças que não são pra remédio."

Dr. Jacques comenta que toda ajuda é bem vinda, mas afirma que antes de qualquer equipe solidária fazer um trabalho de saúde nas comunidades tem que contactar a equipe do IDS e os agentes de saúde pra se articular.

Valdir encerra a reunião e marca para continuarem a pauta de saúde na manhã seguinte.

2º dia (28/072000)

Manhã

Saúde (Continuação da pauta)

Valdir inicia, pede que o representante da FUNAI se apresente, Sr. Brás de Oliveira França. O mesmo cumprimenta todos os presentes, lembra de sua última visita há alguns anos atrás, como representante da FOIRN na época, e justifica não ter chegado logo devido a um mal entendimento do convite, mas se compromete a responder às perguntas de acordo com as perguntas do povo.

Após as palavras do representante da FUNAI Valdir traduz as palavras do Brás na língua Yanomami, e em seguida conta da estada de uma equipe da Aeronáutica na área, fala a pedido das próprias lideranças. E conta da visita de um Deputado que prometeu fazer farmácia em cada comunidade (Maturacá/Ariabú).

O Sr. Júlio Góes pede a palavra, ele está pintado e vestido de guerreiro Yanomami, pega o microfone e apresenta o representante da Prefeitura de São Gabriel, Sr. Geraldo. Julio lamenta a presença de poucos participantes. Diz que pensava que ia encontrar todos os Yanomami com roupa tradicional, valorizando a sua própria cultura e critica esta atitude, diz: "Eu tenho orgulho da minha tradição, eu não tenho vergonha..."

José Mário (agente de saúde) pergunta se é possível ter uma pequena farmácia nas aldeias.

Dr. Jacques responde que é possível sim, mas que não dá para colocar outro Posto de Saúde em cada comunidade. Fala que em agosto vai colocar armário para remédios na casa dos agentes de saúde. Lembra que toda ajuda é bem vinda, mas pede que antes entrem em contato com o IDS. Ele explica que o

na área, e afirma que se essas outras pessoas ou instituições não avisarem quando for trabalhar com saúde na área, o IDS não pode trabalhar direito, pode atrapalhar o trabalho do IDS.

Antônio (Maturacá) comenta sobre medicamento da Farmácia: "Tem doença que não dá para agente de saúde curar porque é espiritual, o pajé cura essas doenças, eu sei curar essas doenças." Fala também dos remédios da mata.

Júlio Góes se pronuncia, diz que o número de participantes é pouco. Fala: "A Assembléia é do Yanomami, não é do branco, mas sim para discutir o problema do Yanomami. Estão perdendo tradição! Cadê roupa de guerreiro? A assembléia não é minha, nem da diretoria, e sim do povo Yanomami. Tem que falar sem medo o que sente. Volta no tema da educação e fala: "Temos professores de fora porque ainda precisamos. Hoje precisa ter diploma, o governo exige isso. Futuramente são vocês. Os napê estão aqui para nos ensinar, enquanto os nossos estão estudando." Da saúde fala: "O IDS apoia muito, nós queremos reforçar a formação dos agentes de saúde, pra eles se formarem também em dentista, microscopista."

Ilson agente de saúde do Maiá, conta em Yanomami que participou do Conselho Distrital de Saúde em Boa Vista e que ficou sabendo dos problemas de saúde dos Yanomami de Roraima. Conta dos problemas do colega Sérvolo no seu trabalho na comunidade.

Amália, agente de saúde de Nazaré, fala: "Meu trabalho é muito importante, agradeço meu povo que é unido, trabalho muito bem com eles, eles gostam do meu trabalho, são bem tratados, todos. Agradeço o Dr. Jacques que construiu Posto de Saúde lá em Nazaré. Não tem doença grave, só simples. Se dá doença grave eu falo com o IDS e encaminha na casa do Índio. O IDS me ajuda na hora marcada na fonia, não tenho queixa não."

Gerônimo (Maiá) quer valorizar mais os remédios tradicionais, pede para não falar sobre isto para qualquer pessoa. Fala de saneamento básico e: "Temos que limpar nossa casa, ter higiene, respeitar os nossos conhecimentos. A doença dos espíritos é mais perigoso, e só o pajé cura."

Júlio Góes fala: "Os pacientes que são encaminhados para o hospital não são bem tratados. Vocês tem falar o que está acontecendo. Os médicos militares estão humilhando os pacientes Yanomami, demora pra ser atendido, e pega outras doenças." Se queixa também da comida.

Claúdio fala que deram alta para seu cunhado sem tirar os pontos e reclama: "Ele está sofrendo!" Fala da questão de acompanhante na Casa do Índio, afirma que eles não estão mais aceitando e fala: "Sempre precisa alguém para ajudar os que não falam português."

Dr. Jacques responde a respeito do cunhado do Cláudio e diz que tinha conhecimento do caso, e como o médico e o enfermeiro estão no posto, eles estão acompanhando o caso do seu cunhado e vão retirar os pontos quando for a hora. A respeito da Casa do Índio e do Hospital fala: "O IDS não é responsável diretamente da Casa do Índio nem do Hospital, a gente trabalha com todas as instituições para tentar resolver, melhorar." Ele fala: "Agora que

as irmãs tomam conta de lá está mais organizado, na época da FUNAI era uma bagunça."

Pe Nilton concorda com o Dr. Jacques da diferença da situação da Casa do Índio agora que a Diocese está organizando, da situação de quando eles entraram para trabalhar, e propõem que um agente de saúde Yanomami trabalhe na Casa do Índio para acompanhar os pacientes.

Pe Genésio lembra que sempre o médico e o dentista do pelotão dão ajuda na questão da educação da higiene.

Dr. Jacques explica que tem que ser criado um Conselho Local de Saúde para discutir os problemas de saúde do local, e diz que isto foi decidido no Conselho Distrital em Boa Vista, ele sugere que isto seja feito na próxima reunião de saúde. Fala da prevenção: "O IDS vai continuar o trabalho de prevenção que já foi iniciado com os agentes de saúde e lideranças para ensinar ,dar palestras para o povo sobre higiene."

FUNAI

Valdir anuncia o novo assunto da pauta, o Posto da FUNAI.

Brás faz uma breve esplanção sobre o problema atual da FUNAI diz: "A FUNAI está sumindo, só nesse ano mudou três vezes o presidente. A administração da FUNAI local depende de Brasília. O governo está tirando as atribuições da FUNAI isso para acabar com ela. Várias organizações já apresentaram proposta para mudar a estrutura da FUNAI."

Brás fala sobre os postos de vigilância e que a proposta do Presidente da FUNAI era somente quatro postos no alto Rio Negro, ele fala: "Lutamos para que o governo conseguisse deixar prevalecer os 11 postos. Agora mudou o papel do Chefe de posto, se concentra somente na vigilância e fiscalização. Então para permanecer os 11 postos era preciso aceitar de forma que mudasse os postos. Por exemplo em vez dos postos em cada aldeia e na Pedra fica um na frente sul e no caranguejo. Mas não tem recurso para isso porque o chefe de posto não vai ficar parado tem que se movimentar, precisa de rancho, de gasolina, mas a FUNAI não tem dinheiro para isso."

Valdir lê documento entregue pelo Sr. Júlio Góes em nome de algumas lideranças locais com sugestão de nome da pessoa para trabalhar no posto, o Sr. Mauro Modesto conhecido dos Yanomami.

Júlio reclama que a FUNAI nunca incentivou o trabalho dos Yanomami.

Mateus afirma: "Posto da Pedra tem que ficar, é ponto de parada de todo mundo."

Brás pede: "Vocês tem que fazer ofício com suas reivindicações e enviar ao presidente da FUNAI."

Tarde

FUNAI (Continuação da pauta)

Valdir reclama por não ser bem atendido por funcionários da FUNAI, pergunta: "Quero saber se funcionário da FUNAI tem direito de fazer isso?" Explica o

carona no barco da FUNAI da frente sul para a foz do Iá, justificando que era ordem do seu chefe superior não transportar nenhum Yanomami. Quando, no dia seguinte eles conseguiram outro barco e chegaram na Foz do Iá pediram para passar uma mensagem pela fonia para Maturacá para que um barco descesse para resgatá-los, os funcionários da FUNAI que estavam no local não quiseram passar a mensagem."

Valdir fala ainda: "Na sede da FUNAI tem um funcionário que não gosta de Yanomami. No dia que eu estava fazendo documento com Maria Inês e que ficou até tarde o vigia não me deixou usar o chuveiro."

Sr. Guilherme fala do fato ocorrido e explica que não tinha culpa pra quem não tinha entendido, diz: "Eu até emprestei meu bote para eles."

Brás afirma: "Apesar da falta de recurso o trabalho da FUNAI tem que continuar. Quando acontecer esse tipo de problema comunique a administração para que se tome providência." Chama a atenção que um grupo de liderança denunciou um fato e que outros foram desmentir: "Tem que ter uma verdade, antes não tinha uma organização, hoje já tem um grande avanço, é através da AYRCA e da FOIRN que vão conseguir financiamento para pequenos projetos."

Júlio fala: "AYRCA foi criada para se auto defender e sustentar." Ele comenta que o Mauro tinha feito um bom trabalho, teve experiência com eles, e teria que permanecer como chefe de posto. Consultou o povo presente na Assembléia e todos concordaram que ele .

Brás orienta que façam um abaixo assinado para que Mauro fique no posto da FUNAI de Maturacá, pois o mesmo havia sido exonerado de suas funções naquela semana.

Júlio reclama que os parentes Tucano do balaio e Iá-Mirim estão invadindo a área: "Eles usam timbó pra pescar e ninguém quer porque nós não pescamos assim. O pessoal de Nazaré mora lá perto onde eles pescam assim. Um lago ficou todo envenenado na nossa área. Que cada um fique no seu limite."

Sr. Mateus diz que o Sr. Gregório, morador do Iá-Mirim chegou bêbado pediu autorização do Sr. Mateus para pescar dentro da sua área, o Mateus disse que ele não estava autorizado. E o Renato cacique da comunidade de Nazaré desmentiu as palavras do Sr. Mateus, permitindo que o Sr. Gregório passasse para pescar na sua área.

PREFEITURA

Valdir coloca novo assunto em pauta: a Prefeitura. Diz que estão fazendo boas coisas pelas comunidades.

Claúdio: "Nossos velhos tinha feito inscrição pra aposentadoria, não foram aposentados. Como fica?" Ele pergunta ao representante da prefeitura.

Sr. Geraldo da prefeitura responde que anotou e vai levar ao conhecimento do prefeito .

Júlio: "Algum tempo atrás fiz uma lista, mas não queriam dizer que eram

transporte próprio da AYRCA, um caminhão e uma casa de apoio em São Gabriel."

André(Inambú) fala do problema de escola na comunidade e solicita da Prefeitura que construa uma escolinha.

Luciano(Maiá) solicita um Centro Comunitário na comunidade. Pede também que a escola faça parte do Município de São Gabriel e não de Santa Isabel como é atualmente. Pede um motor de luz para a comunidade.

Marcelino protesta que a comunidade de Ariabú ganhou um motor de barco, e que a comunidade de Maturacá não ganhou.

BEBIDA ALCÓOLICA

Valdir fala que muitos não gostam de falar no assunto, mas afirma que existe problema com isso, diz: "Continua a bebida dentro da área, é uma vergonha, gritaria de noite." Afirma: "Pessoal do Pelotão anda de noite nas aldeias, a gente não permite, e trazem cachaça. Vamos falar com o Comandante para fazer uma gaiola para bêbado." Ele reclama: "Um soldado Yanomami está fazendo muita confusão." "Tinha um agente de saúde distribuindo remédio bêbado." Afirma que o Sr. Henrique ao tomar sua posse falou perante a presença de todos os participantes que os Yanomami ingeriam restos de bebidas alcóolicas.

Júlio diz que é contra bebida alcóolica, e que o paricá é o divertimento deles, que os rapazes Yanomami estão gastando seu dinheiro à toa com bebida alcóolica, afirma: "Um litro de cachaça chega a custar cinco gramas de ouro".

Pedro Renato fala para o Júlio: "Você tem que falar a verdade, você vende e continua a vender, tem bebida que você vende aqui e na sua balsa, você tem que dizer a verdade. Você falou do meu irmão quando ele vendia cachaça, mas agora ele parou, porque a irmã Aline pediu para ele. Depois que ele parou, lá vem cachaça de novo." Renato diz que se o Sr. Júlio é contra, não tem que trazer bebida.

Júlio responde: "Isso já é passado, vendo essas coisas tem que denunciar." "Eu trouxe essa bebida por encomenda de alguns rapazes do Pelotão, ganhei algum dinheirinho, mas não é pra Yanomami beber."

Sargento Alencar afirma: "É proibido cachaça no Pelotão, nas nossas confraternizações só é permitido cerveja controlada pra não dar problema. É feita uma fiscalização, quando o soldado é pego com bebida recebe uma punição grave. Mas a gente não tem condições de vigiar os nossos soldados o tempo todo. Eles saem e compram cachaça por aí, a gente não sabe como essa bebida chega."

Dr. Jacques e Padre Genésio falam que o alcoolismo é um problema grave, que deve ser resolvido bloqueando a entrada desta bebida na área.

Renato lê documento (pedindo a permissão para a FUNAI da entrada do piabeiro Silas na área) elaborado pelo Gerôncio, membro da comunidade do Maiá. A Assembléia não aprova o documento porque não era do conhecimento

Valdir encerra o segundo dia de reunião às 18:00.

3º DIA (29/06/2000)

Manhã

EXÉRCITO

Valdir abre a reunião, explica para os presentes as regras da Assembléia para que não retornem nas pautas já discutidas.

Júlio faz uma breve esplanção sobre a instalação do Exército: "Na época disseram que iam ajudar os Yanomami montando um Hospital bem equipado, uma escola, um motor gerador, um transporte para produção." Afirma: "Se instalaram no lugar da roça do Tucháua Joaquim do Ariabú, prometendo indenizar, nunca pagaram!" Ele reclama: "Era o nosso caminho para as roças, disseram que iam deixar o caminho livre, mas agora tem cerca e o Yanomami não pode passar." Pede que a micro-usina não seja usada como objeto de ameaça mais tarde, e que o Exército não cobre a energia mais tarde: "O Pelotão distribui luz para nós e nosso futuro." Solicita a compra de um motor gerador grande para quando faltar energia. Júlio explica que a área da pista de pouso pertence a Aeronáutica.

Armindo fala: "Não é para aumentar a área do Pelotão, isso não existe. Já conheço outras áreas de Pelotão."

Valdir fala: "Vocês tem que fazer cantina aqui, pra não depender do Pelotão. É assim que fazem os outros grupos do alto Rio Negro." Valdir diz que não é para soldado casar com mulher Yanomami: "Os nossos rapazes são desprezados pelas moças Yanomami."

Ângelo protesta: "Não é pra construir essa vila na pista do Pelotão. A mulher nossa anda no Pelotão, elas falam que os rapazes Yanomami daqui não tem dinheiro, nem emprego, que eles são fedorentos. Não é para elas se casarem com os militares do Pelotão, militar fala que vai fazer casa pra elas no Pelotão, mas não tem lugar lá."

Daniel reforça as colocações anteriores afirma que está tudo dentro da realidade.

Júlio fala: "As meninas são livres, elas decidem. Os pais precisam de galeto, arroz,...a filha vai se entregar para o soldado do Pelotão para agradar o pai. Falei com os pais que as meninas não podem ir tentar os soldados, são as meninas e os pais os culpados, porque eles tem fome." Ele afirma: "Tem filhos de soldados nas comunidades, são filhos sem pai." Ele conta de uma conversa com antigo Comandante do Pelotão que lhe disse: "Meu 'boizinho' está dentro do meu curral, suas 'cabritinhas' é que vêm tentar eles. Meu soldado não vem pra casar aqui, problema é delas." E Júlio continua: "Culpado não é soldado, nem Comandante, culpado somos nós, porque nossas filhas vão dia a dia perturbar eles." Ele sugere: "Tem que fazer muito artesanato pra vender em São Gabriel, em vez de vender no Pelotão."

Osvaldo fala: "Essa é nossa área, e nós que tomamos conta. Os militares

procuram namorar com nossas filhas e nossas mulheres. Elas procuram dinheiro deles." Osvaldo diz: "Elas querem fazer filhos deles, e não querem fazer filho dos Yanomami."

Marcelino fala: "Culpadas são as mulheres que se comprometem nas conversas dos soldados para que entrem na área de defesa. É muito doloroso pra nós, elas tem vontade de fazer a vida com pessoa de fora. porque não quer fazer a vida com próprio Yanomami."

Júlio afirma: "Vamos tocar na ferida: o povo está pensando que a mulher Yanomami está se tornando em prostituição.. Tem que ter uma troca sem precisar entrar no Pelotão, tem que atender um por um, as lideranças tem que proibir a feira no Pelotão."

Júlio continua e conta um fato acontecido algum tempo atrás, que quase houve acidente de bala perdida durante treinamento de soldados, conta que quase acertaram dois pescadores Yanomami próximo ao local onde treinavam e pede: "Tem que arrumar local protegido pra treinar, Yanomami não se encontra só dentro da aldeia, mas se espalha também pra viver."

Valdir pede que o Comandante fale sobre a prostituição.

Comandante Ângelo Lima lembra que todos os ofícios devem ser encaminhados ao Pelotão, ao Comandante/Governo e aos órgãos competentes. E fala que vai responder desde o início. Começa pelo gerador: "Quanto ao pedido de gerador não fica só aí, tem vários aspectos que irão precisar, alguns de vocês vão precisar de um curso para manutenção, também se vocês não tem gasolina para o motor, como vocês vão conseguir diesel para o gerador." Da vila na área da pista de pouso ele fala: "Desde que vocês doaram a área para o Exército e a Aeronáutica deixou de ser de vocês, a construção das casas vai continuar."

Da bebida alcóolica o Comandante fala: "Um soldado é proibido de beber. Quem for pego vai ser interrogado e o vendedor será punido, em função da lei e do órgão responsável, e o material dele destruído. Não é só o soldado que vai dançar, mas o vendedor também."

Da prostituição o Comandante fala: "O soldado que quer namorar com Yanomami é a vida dele, é problema familiar, não tem nada a ver com o profissional, nem vou conversar disso, eles não forçam as mulheres."

Da escola o Comandante fala: "Quanto ao ensino da língua, é louvável que aprendam a língua materna, mas tem que honrar a língua pátria, a Bandeira Nacional, o Hino Nacional. Estão longe de ser uma nação independente, não conseguiriam sobreviver."

Dos tiros o Capitão fala: "Quanto aos tiros reais que aconteceram sobre outro Comando, agora já temos área equipada para tiro real. Se acontecer de novo quero ser informado. Os treinamentos fora da área são com bala de festim."

De ir ao Pelotão o Comandante fala: "Quanto a ida ao pelotão podem continuar indo, o que ouviram foi uma posição do Sr. Júlio."

Braz se posiciona e fala: "Nós somos brasileiros Yanomamis e não Yanomamis brasileiros. É evidente que não existe de ser independente. Nós somos índios brasileiros. Não existe criar uma nação independente. É assegurado pelo Ministério de educação que na área indígena a educação deve ser bilíngüe."

Dr. Jacques chama a atenção para o fato de que a prostituição na área é um

"Tem doenças que são sexualmente transmissíveis, como corrimento, gonorréia, e doenças que podem até matar." Pede a união de esforços no sentido de identificar as doenças já presentes na área (DST/AIDS), para resolver os casos e trabalhar na prevenção dos mesmos.

Valdir reclama que só o Sr. Júlio Góes tem balsa dentro da área, e que o povo é contra. Coloca uma pergunta para o Sr. Júlio Góes à respeito de sua balsa na área: "Essa balsa é sua ou da sua esposa? Porque eu vi o documento no nome dela."

Júlio Góes responde: "Quando tinha muita balsa aqui, vocês tinham porcentagem. Eu consegui uma balsa, vocês tão com inveja." Eu coloquei balsa no nome da minha mulher como presente, porque eu gosto dela. Como o napê gosta da mulher dele dá um brinco de presente, eu dei um presente pra minha mulher." Julio fala: "Sua balsa foi tomada pela Polícia Federal."

Valdir fala: "Eu nunca fiquei com inveja, eu nunca fuxiquei ninguém." Ele afirma: "Eu quero trabalhar para o bem das duas comunidades dentro da AYRCA."

Pedro Renato protesta: "Júlio considera a gente moleque, martelando na mesa cada vez que ele fala na Assembléia com vocês." Ele afirma: "Quando a Polícia Federal chegou pela primeira vez disse que ia deixar duas balsas, uma pra comunidade e outra pro Júlio. Quando a Polícia Federal voltou de novo, ele falou que a balsa da comunidade já tava perdida." Pedro Renato pergunta: "De onde vem essa balsa?" Depois ele afirma: "Veio um rapaz comigo dizendo que você junto com as lideranças tinha ido participar de reunião em São Gabriel, junto com a Prefeitura, e que nessa época você participou de uma reunião particular junto com o pessoal do Cooperíndio na ausência das lideranças de Maturacá em geral. Quando vocês retornaram prá Maturacá o rapaz me contou que vocês tinham feito essa reunião fazendo acordos pra conseguir esse motor novo para a balsa. Quando esse rapaz soube que você tinha feito essas coisas ele fez perguntas pra você, aí você falou que tinha mandado um recado pras lideranças para participarem deste evento. As lideranças falaram que nunca receberam este recado. Você quer dominar o povo daqui, mas as lideranças por inocência deles não reconhecem a sua pessoa."

Sr. Júlio responde ao Renato dos fatos que estão se realizando na comunidade e os que não estão se realizando.

Valdir comunica que os assuntos previstos nas pautas foram todos discutidos e que partem agora para as votações.

Valdir faz uma votação entre os presentes para decidir a data da próxima Assembléia geral da AYRCA. Fica decidido que será realizada no dia 15 de agosto de 2001.

Valdir dá explicações sobre a votação da Diretoria que está marcada para acontecer naquele momento, e dá encaminhamento à mesma.

Os candidatos se alistam para concorrerem à votação, e com o auxílio da Rosilene da FOIRN e do Pe. Nilton todos os presentes com mais de 16 anos, que querem, votam para a escolha da nova Diretoria.

Os votos são apurados logo após o último eleitor votar. E o resultado é o seguinte:

Candidatos	No de votos
Valdir	153 votos
Edvaldo	9 votos
Arnaldo	105 votos
Nazareno	9 votos
João Figueredo	17 votos
Benedito	22 votos
Ludovico	9 votos
Viriato	5 votos
Erasmus	9 votos
Januário	37 votos
Armindo	130 votos
Renato	109 votos
Gilberto	3 votos

A Diretoria da AYRCA eleita fica da seguinte maneira:

Valdir : Presidente
Armindo : Vice-Presidente
Arnaldo : Tesoureiro
Renato : Secretário

Valdir agradece a todos pelo voto de confiança.

Renato agradece pelo voto de confiança.

Arnaldo agradece a todos pelos votos.